

# Depois da reforma, maior a demanda por tratores agrícolas

por Yves Léon Winandy  
de São Paulo

O programa de recuperação da economia brasileira gerou um efeito secundário significativo: reativou a demanda interna por tratores agrícolas, levando a indústria do setor a olhar o futuro com mais otimismo, a médio prazo. A falta de alguns componentes no mercado, porém, tenderia a servir de freio a qualquer crescimento mais ambicioso com relação à "performance" recente.

Efetivamente, em março, primeiro mês de vigência do programa, as treze empresas produtoras desse tipo de equipamento registraram um aumento de vendas da ordem de 23,5% em comparação a igual mês de 1985, comercializando 4.014 unidades. Um resultado "excelente", na opinião de André Beer, presidente da Anfavea.

## REVISÃO "PARA BAIXO"

"Os dois primeiros meses do ano foram muito difíceis, o que nos levou a rever (para baixo) nossas previsões iniciais de um crescimento de 10% nas vendas em 1986", disse Alberto Labadessa, diretor-superintendente da Companhia Brasileira de Tratores (CBT), a maior empresa de capital nacional que atua no segmento.

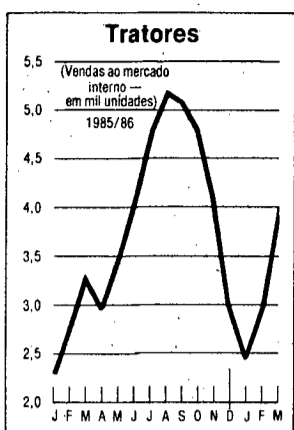
De acordo com ele, na ocasião os empresários já se conformavam com a perspectiva de apenas poder vir a repetir, neste ano, a "performance" obtida em 1985 (46.089 tratores comercializados, um aumento de apenas 0,8% ante 1984). "Mas aí veio o 'pacote' econômico. Com ele, esse quadro começou a mudar", acrescentou.

Em fevereiro, a indústria de tratores conseguiu vender apenas 2,9 mil unidades do produto, um resultado pouco superior ao de igual mês do ano passado (2,8 mil). No primeiro bimestre, as vendas somaram 5,4 mil equipamentos, resultado 5,8% superior ao dos dois primeiros meses de 1985.

## NOVA TENDÊNCIA

No mês seguinte, e inesperadamente, a tendência foi modificada, com as vendas de março apresentando um crescimento de 36,1% em comparação com fevereiro. Uma variação "anormal", no dizer de Gerhard G. Schamp, diretor-gerente das operações de tratores da Ford Brasil S.A. Normalmente, especificou, o aumento de vendas de fevereiro para março é de cerca de 20%.

Com isso, os resultados do primeiro trimestre do ano foram 13% superiores aos de igual período de 1985, com a acumulada passando a totalizar 9.457 unidades comercializadas. "Estamos sentindo que vai haver uma retomada dos investimentos no setor agrícola. Está havendo uma procura maior por financiamentos do Banco do Brasil para a aquisição dessas máquinas", disse Labadessa. Desde março, esclareceram as fontes consultadas, o aumento do



ritmo da demanda tem também levado a um aumento do prazo de entrega de alguns tipos de tratores.

No mês passado, por exemplo, a Ford Brasil deixou de comercializar cerca de trezentas unidades do produto solicitadas pelos clientes, e, mesmo assim, registrou um aumento de vendas da ordem de 136% com relação a março de 1985, vendendo 873 equipamentos.

Em 1976, a indústria de tratores vendeu cerca de 75 mil unidades no mercado interno, a melhor marca já alcançada pelo segmento. Sete anos depois (1983), essa "performance" caiu para 25 mil máquinas/ano, o que levou as empresas fornecedoras de componentes a desativar suas linhas ou a desviar a produção para outros segmentos do mercado.

"Há dificuldades em obter-se pneus, rolamentos e peças fundidas (como motores, chassis, caixas de câmbio)", informou Labadessa. "O problema é que todas as montadoras estão usando a mesma indústria (fornecedora). É isso que causa a falta", disse Schamp.

O diretor da Ford Brasil é da opinião de que o setor vive, agora, o resultado da "falta de confiança" das empresas na evolução da economia, estado de espírito que, avaliou, imperou nos dois últimos anos. Assim, esclareceu, nem mesmo o aumento de vendas registrado a partir de 1984 foi suficiente para levar os fornecedores de componentes a investir na ampliação de sua capacidade de produção.

"Não vejo problema de abastecimento. Para quem fornece componentes para uma produção anual da ordem de 1 milhão de veículos/ano não é uma demanda de 5 mil unidades a mais que vai afetar o mercado", contrapôs Pedro Eberhardt, presidente do Sindi-peças.

Ele concorda com a informação de que a crise que afetou o setor levou a indústria de autopeças a "se virar para buscar uma solução para preencher a lacuna deixada pelos fabricantes de tratores" quando estes reduziram suas compras. Mas lembra que o atual aquecimento do mercado se manifesta em todas as áreas da produção de veículos, e as montadoras não têm, mesmo assim, conseguido garantir suas encomendas.